

PRAÇA MÁRIO DE ANDRADE

Lei nº 2457 de 18-04-1961

Formada pela praça circular da Nova Campinas  
Situada no cruzamento da avenida Dr. Hermas Braga  
com a rua Dr. Paulo Pupo Nogueira  
Nova Campinas

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de  
Campinas Miguel Vicente Cury.

MÁRIO DE ANDRADE

Mário Raul Morais de Andrade nasceu em São Paulo em 09-outubro-1893 e faleceu em São Paulo em 25-fevereiro-1945. Romancista, poeta, ensaísta, crítico literário, musical e de artes plásticas, Mário de Andrade estudou no Ginásio de Nossa Senhora do Carmo e no Conservatório Musical de São Paulo. Ocupou o cargo de diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e criou a Discoteca Pública; organizou cursos de etnografia e folclore, o Congresso da Língua Nacional Falada e fundou a "Revista do Arquivo Municipal", de São Paulo. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, regeu, de 1938 a 1941, a cadeira de História e Filosofia da Arte no Instituto de Arte da extinta Universidade do Distrito Federal. Foi professor de História da Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em São Paulo. Estreando como poeta em 1917, com o livro "Há uma Gota de Sangue em Cada Poema", seu segundo livro de poesias "Paulicéia Desvairada" é um dos principais gritos de combate para a renovação das artes brasileiras, iniciada com a chamada Semana de Arte Moderna em 1922. Foi um pesquisador infatigável. Na prosa de ficção, na poesia, no ensaio, no livro de técnica, sua maior preocupação foi sempre abrir caminho, ou demonstrar doutrinas. Os problemas da língua nacional, da estética, do folclore, da música, da psicanálise, da história, das artes plásticas, são debatidos com ardor mas perspectivas as mais amplas, sempre preocupado com a autenticidade e com a absoluta liberdade do espírito. Autor de uma obra vasta, destacam-se: "Poesias", "Amar, Verbo Intransitivo", "Macunaima", "Belazarte", "Ensaio sobre Música Brasileira", "Compêndio de História da Música", "Modinhas Imperiais", "Aspectos da Literatura Brasileira", além de numerosas publicações em opúsculos e colaboração em jornais e revistas.

## PRAÇA MÁRIO DE ANDRADE



LEI N.º 2457, DE 18 DE ABRIL DE 1961

**DA O NOME DE MÁRIO DE ANDRADE A UMA PRAÇA  
DA CIDADE**

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Mário de Andrade a praça circular do arruamento da Nova Campinas, situada no cruzamento da Avenida Dr. Hermas Braga com a Rua Dr. Paulo Pupo Nogueira.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Faço Municipal de Campinas, aos 18 de abril de 1961.

MIGUEL VICENTE CURY  
PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 18 de abril de 1961.

DE. PLÍNIO DO AMARAL

Respondendo pelo cargo de Diretor  
do Departamento do Expediente



## Mario de Andrade

No dia 25 de fevereiro de 1945, faleceu na capital paulista, onde nasceu a 9 de outubro de 1893, o romancista, poeta, ensaísta, crítico literário, musical e de artes plásticas, Mario Raul Morais de Andrade. Estudou no Ginásio de Nossa Senhora do Carmo e no Conservatório Musical de São Paulo.



Mario de Andrade

Ocupou o cargo de diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e criou a Discoteca Pública; organizou cursos de etnografia e folclore, o Congresso da Língua Nacional Falada e fundou a "Revista do Arquivo Municipal", de São Paulo. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, regeu, de 1938 a 1941, a cadeira de História e Filosofia da Arte no Instituto de Arte da extinta Universidade do Distrito Federal. Foi professor de História da Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em São Paulo. Estreando como poeta em 1917, com o livro "Há uma Gota de Sangue em Cada Poema", seu segundo livro de poesia, "Paulicéia Desvairada" é um dos principais gritos de combate para a renovação das artes brasileiras, iniciada com a chamada Semana de Arte Moderna, em 1922. Foi um pesquisador infatigável. Na prosa de ficção, na poesia, no ensaio, no livro de técnica, sua maior preocupação foi sempre abrir caminho, ou demonstrar doutrinas. Os problemas da língua nacional, da estética, do folclore, da música, da psicanálise, da história, das artes plásticas, são debatidos com ardor mas perspectivas as mais amplas, sempre preocupado com a autenticidade e com a absoluta liberdade do espírito. Autor de uma obra vasta, com mais de vinte livros publicados, destacam-se na sua obra: "Poesias", "Amar, Verbo Intransitivo", "Macunatma"; "Belazarte", "Ensaio sobre Música Brasileira"; "Compendio de História da Música"; "Modinhas Imperiais"; "Aspectos da Literatura Brasileira", além de numerosas publicações em opusculos e colaboração em jornais e revistas.

# 30 anos sem Mário de Andrade



Carlos Eduardo Lins

## "30 ANOS SEM MÁRIO DE ANDRADE" - de Carlos Eduardo Lins

**P**ersonalidade rica, explorador de diversos campos de conhecimento humano, Mário de Andrade pode ser citado como quase tudo, no campo da cultura: poeta, contista, romancista, musicólogo, folclorista, historiador...

Trinta anos depois de sua morte, é difícil dizer em qual desses campos ele se destacou mais. Entretanto, é fácil afirmar-se que seu nome está definitivamente inscrito na relação dos maiores de nossa cultura, em todos os tempos.

«Mário de Andrade não permitiu que a Semana fosse uma de oito dias. A Semana, efetivamente, através dele e de tudo o que representa, prolongar-se-á até hoje, na ação de um processo já de meio século». A afirmação do crítico Adonias Filho demonstra um dos principais motivos pelos quais Mário de Andrade é tão importante em nossa cultura.

Mais do que o reformador da Escola Nacional de Música, que o criador do Departamento de Cultura e da Biblioteca Municipal de São Paulo, que o idealizador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo, ele foi a participação normativa que, no dizer de Paulo Mendes Campos, possibilitou que o Movimento Modernista não «se perdesse em vaias e piadas».

A solidificação do Movimento Modernista, passando da fase simplesmente destruidora para a que se pode chamar de «clássica», é fundamental para a nossa Arte, pois significou o seu verdadeiro abraço, tanto na temática como na forma.

Alceu Amoroso Lima, que divide o Modernismo em três fases (estilística, temática e social), diz da participação de Mário de Andrade: «Ele foi importante na primeira fase do Modernismo e continuou importante na segunda, porque ligou a fase formal com a criativa, através da linguagem. Na terceira fase, foi também ele importante, pela posição política que assumiu».

Constante e impiedoso crítico de si mesmo, Mário de Andrade não se poupou de destruir as origens do Movimento Modernista, em sua célebre conferência pronunciada no Itamaraty em 1942. E era exatamente a sua busca pela perfeição que o tornava um artista completo e impedia que os movimentos dos quais participava estagnassem em suas formulações iniciais, por mais tentadoras que elas parecessem.

Assim, enquanto Oswald de Andrade continuava sendo o lado «demolidor e agressivo» do Modernismo, Mário tornou-se o construtivo. Abandonou a ironia inicial por uma busca incessante da expressão da alma brasileira por intermédio de um estilo e de uma linguagem populares e realmente nacionais.

Pode-se dizer que ele o conseguiu em «Macunaíma». Sua «rapsódia» foi a abertura para o romance regionalista da década de 1930, que tão bem caracterizou o espírito brasileiro. Mas Mário de Andrade superou seus sucessores: somente ele conseguiu cobrir todo o território nacional, Macunaíma é o primeiro (e talvez o único) herói brasileiro de todas as regiões:

Apesar de ele próprio considerar «Macunaíma» como «uma obra-prima que não saiu obra-prima», a verdade é que ali, mais do que um qualquer outro livro, foi feita a síntese da cultura e do modo de ser do povo brasileiro.

Já naquela época (1928), preocupava-se com a mecanização do homem e sua crítica irônica à grandeza de São Paulo poderia ser repetida por qualquer urbanista dotado de senso de humor, hoje em dia. «A cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas e tomadas por estátuas de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço, de forma tal que nessas artérias não cabe a população».

Como musicólogo, sua importância também não pode ser menos prezada. Reynaldo Bairão, na revista «Cultura» número 13, afirma ter sido ele «o primeiro escritor brasileiro a dar visceral importância ao papel social que deveria desempenhar em nosso meio étnico».

Mas as cartas que deixou e o depoimento de seus contemporâneos parecem comprovar que a maior dimensão de Mário de Andrade não foi a de nenhuma das várias facetas que apresentou como estudioso ou como artista. Foi sua dimensão como ser humano.

«Mas eis que chego a este paradoxo irrespirável»: essa frase de Mário de Andrade poderia definir a maneira como ele vivia. Segundo Alceu Amoroso Lima, «esteve sempre atormentado pelas dúvidas e sofria terrivelmente com suas contradições íntimas que o acompanharam pela vida inteira».

Entretanto, havia nele um sentimento de responsabilidade e um respeito aos escrúpulos morais e estéticos, que constituíram o grande traço de união, o fio de equilíbrio a razão de harmonia de sua vida. Ao mesmo tempo em que o sentimento de responsabilidade era motivo de grandes tormentos pessoais, era o motivo de sua grandeza.

Certamente, ele concordava com Saint-Exupéry, que disse em «Terra dos Homens»: «Ser homem é precisamente ser responsável. É experimentar vergonha em face de uma miséria que não parece depender de si. É ter orgulho de uma vitória dos companheiros. É sentir, colocando a sua pedra, que contribui para construir o mundo».

Mário de Andrade colocou a sua pedra. E não se pode dizer que tenha sido pequena. A curiosidade, que para Paulo Mendes Campos era a «paixão pertinaz de sua vida» (assim como «sua paixão concomitante era o Brasil») fê-lo explorar vários ramos do conhecimento e a todos dedicar-se com afinco e esquecimento de si mesmo, quando necessário.

Talvez o esquecimento de si mesmo o tenha levado à morte prematura, a 22 de fevereiro de 1945, mas a maneira com que se comportou nos seus 52 anos de existência colocou-o numa posição a que poucos poderão almejar e que menos ainda conseguirão conquistar.

(Recorte do suplemento "Jornal de Domingo" do jornal "Diário de São Paulo", de S. Paulo, de 02-março-1975)

# Mario de Andrade — sentimento da terra e valorização do homem



numa linguagem sugestiva e colorida, o seu nacionalismo se erraiza na alma intensamente lírica e criadora de nosso povo.

Mario de Andrade gosta das interpretações miúdas, dos aspectos típicos e se possui certo sentimento de mundo, é de instantes passáveis.

Espirito inquieto, fecundo, mas sem a tendência de preocupar-se com metafísicas, com o além da vida — aproveita tão somente a fatalidade de estar vivo na construção cotidiana, no seu plano de existência.

Procura se aprofundar na alma do tempo, do meio, pela atualização da inteligência, com uma visão de vida que tenha em vista o “amelhoramento político e social do homem”.

“Paulicéia Desvalrada”, às vezes, tem momentos telúricos, rompantes, anárquicos de pro-

“*Água do meu Tietê,  
Onde me queres levar?  
— Rio que entras pela terra  
E que me afastas do mar...*”

Mario de Andrade, diz Alvaro Lins, “tem a aflição paisagista de um símbolo, mas sem ambição pessoal ou de um artista exigente.”

Para Otto Maria Carpeaux, Mario foi o chefe do movimento literário mais impetuoso que o Brasil já viu, foi, em toda a história da literatura brasileira, a personalidade mais multiforme, cultivando todos os gêneros.

Folclore, modernismo, todos os elementos mais ligados às fontes mais vivas, mais genuínas da nacionalidade, refluem em sua obra de artista.

Rico de imagens afetivas, destruidor de preconceitos e tabus,

## DANTE ALIGHIERI VITA

(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

fecia e de aventura. Mas, muito ligado à sua terra e à sua gente.

A sua obra é a imagem do homem e do artista, com penetrante visão do meio e do futuro.

Recrimina-se, às vezes, de ser um pouco livresco como nesta confissão consciente e sentimentalmente nacional:

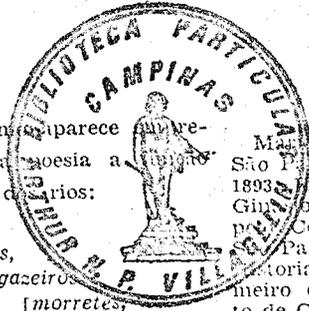
“*Abancado à escrivaninha em S. Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De supetão senti um friume por dentro.  
Fiquei tremulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando prá mim.  
Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito  
[longe de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem palido, magro, de cabelos escorrendo nos  
[olhos  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia  
Faz pouco se deitou, está dormindo.  
Esse homem é brasileiro que nem eu...*”

E' o paulista, que dizem ser orgulhoso, sintonizado com toda a patria, evocando o seringueiro amazonico; é o paulista que se sente sempre muito brasileiro.

Os versos de Mario de An-

drade, muitas vezes, com a intuição do futuro, cantam a alegria do trabalho criador, a recuperação do homem, dentro do nosso realismo com a satisfação de quem semeia, de quem constroi:

“*Tarde, recreio do meu dia, é certo  
Que só no teu parar se normaliza  
A onda de todos os transbordamentos  
Da minha vida inquieta e desregrada,  
Só mesmo distanciado em ti, eu posso  
Notar que tem razão de ser plausível  
Nos trabalhos do ideal que vou semeando  
Atabalhoadamente sobre a terra.  
Só nessa vastidão dos teus espaços,  
Tudo o que gero e mando, e que parece  
Tem sem destino e sem razão, se ajunta  
Numa ordem verdadeira... que nem gado  
Pelo estendal do jaraguá disperso,  
Ressurge de taráinha e, enriquecido,  
Ao aboio sonoro dos campeiros,  
Enriquece o criador com mil cabeças  
No cerco da mangueira recendente...*”



Mario de Andrade é o escritor que se identifica com o meio em sua plenitude, sentindo sempre as forças sociais em evolução.

Vejam como parece que leve na sua poesia a civilizadora dos rios:

*"Os rios, oh doce amiga, estes rios,  
Cheios de vistas, povoados de ingazeiros  
[morretes,*

*Pelo Capibaribe irás tu ao Recife,  
Pelo Tietê a S. Paulo, no Potengi a Natal,  
Pelo Tejo a Lisboa e pelo Sena a Paris..."*

Na "Meditação sobre o Tietê", sugerida pelas águas, rio símbolo da grandeza paulista, tão cheio de significação e misterio para os habitantes do velho Planalto de Piratininga, diz o poeta de "Lira Paulistana":

*"E' noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admiravel  
Da Ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num bangeiro de agua pesada e oleosa,  
E' noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,  
Soturnas sombras enchem de noite tão vasta  
O peito do rio, que é como se a noite fosse agua,  
Agua noturna, noite liquida, afogando de apreensões.  
As altas torres do meu coração exausto. De repente  
O oleo das aguas recolhe em cheio luzes tremulas  
E' um susto. E num momento o rio..."*

Agora, tudo se mistura no mesmo plano evocativo de visão e sonho:

*"Esplende em luzes inumeraveis lares, palacios  
[e ruas  
Ruas, mas, por onde dinosauros cozingam  
Agora, arranha-céus valentes donde saltam  
os bichos blau e os punidores gatos verdes,  
Em canticos, em prazeres, em trabalhos e  
[fabricas,  
Luzes e gloria. E' a cidade... E a emaranhada  
[forma..."*

E a seguir, chega-se à Paulicéia Desvairada:

*"Humana e corrupta da vida que muge e se aplaude,  
E se acalma e se falsifica e se esconde. E deslumbra.  
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,  
Está negro. As aguas oleosas e pesadas se apiacam  
Num gemido. Flor. Tristeza que tmbra um caminho  
[de morte."*

E outra vez a alma do poeta cai, mergulha na natureza misteriosa:

*"Um gemido. E tudo é noite. O meu coração devastado  
E' um rumor de germes insalubres pela noite insone  
[e humana."*

E, novamente, o misterio da historia dos bandeirantes audazes:

*"Meu rio, meu Tietê, onde me levas?  
Sarcastico rio que contradizes o curso das  
[aguas  
E te ajastas do mar e te adentras na terra  
[dos homens,  
Onde me queres levar?  
Por que me proibes assim praias e mar, por que  
Me impedes a fama das tempestades do Atlantico  
E os lindos versos que falam em partir e nunca  
[mais voltar?"*

Eis, agora, tambem, o paralelismo entre o meio, o homem e a vocação irresistível, determinante quase de toda a grandeza bandeirante:

*"Rio que fazes terra, humus da terra, bicho da terra  
Me induzindo com a tua insistencia turrona paulista  
Para as tempestades humanas da vida, rio meu rio!"*

A poesia de Mario de Andrade traz certa revolução de estrutura, tocando emocionalmente na parte mais organica das coisas, num liame de realismo — ambiente em função do que há de vir. Muittas vezes, os seus versos transtornam as criaturas de senso comum:

*"Minhas lagrimas caem sobre ti e és como um  
[sol quebrado!  
Que liberdade em teu esquecimento!  
Que independencia firme na tua morte!  
Oh, vai-te embora que não te conheço mais!"*

Assim falou, ao despedir-se de alguém que fora surpreendido pela implacavel ainda na maturidade dos anos.

Mario de Andrade pensava que uma grande lição de humanidade haveria de nascer depois da revolução de 30, principalmente com a literatura nortestina. Não errou — com ela surgiram José Americo, Jorge Amado, José Lins do Rego e o grande Graciliano Ramos. A influencia de Mario de Andrade como um dos orientadores do movimento modernista brasileiro tem sido profunda e permanente em nossas letras.

Mario de Andrade nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1893. Fez o curso secundario no Ginásio do Carmo. Diplomado pelo Conservatorio Musical de São Paulo. Regeu a cadeira de Historia da Musica. Foi o primeiro diretor do Departamento de Cultura. Foi tambem professor de Filosofia da Arte na extinta Universidade do Distrito Federal.

Publicou: — "Paulicéia Desvairada", 1922; "A escrava que não é Isaura", 1925; "Primeiro Andar", 1926; "Losango Cáqui", 1926; "Amar, verbo intransitivo", 1927; "Clá do Jaboti", 1927; "Mucumaima", 1928; "Ensaio sobre a musica brasileira", 1928; "Remate de Males", 1930; "Musica, doce musica", 1933; "Belazarte", 1934; "O Aleijadinho e Alvares de Azevedo", 1935; "Poesias", 1934; "Aspectos da literatura brasileira", 1943; "O movimento modernista", 1942; "O baile dos quatro Artes", 1934; "Os filhos da Candinha", 1943; e "Lira Paulistana", 1945.

Mario de Andrade morreu em São Paulo a 25 de fevereiro de 1945.

Sua vida como poeta, como artista, como homem, se assemelha a do cinamomo, que durante os meses de verão dá boa sombra e em setembro e outubro apresenta-se coberto de lindas flores roxas, formando ainda, boa madeira para construções depois de tombado.

O seu espirito de pesquisa em nosso folclore nacional, o seu empenho pela difusão cultural entre o nosso povo, a sua contribuição no campo estetico e emocional, solidamente fincada nos sentimentos de nossa terra, visando a valorização do homem, por muito tempo há de ser um exemplo e estímulo para todos os homens de letras de São Paulo e do Brasil.

anpv/09/83